



# ALMA NOVA

REVISTA ILUSTRADA

DIRECTORES

LITERARIOS — A. BUSTORFF E MATEUS MORENO  
ARTISTICO — SAAVEDRA MACHADO

ANO II ☐

MARÇO DE 1916

☐ N.º 3

••• LITERATURA •••  
SCIENCIAS • E • ARTES

—  
Turismo e Propaganda  
regional

—  
Inclusa a edição de  
PROPAGANDA  
DO ALGARVE

## O CONFLITO EUROPEU

### Portugal em Estado de Guerra

A *Alma Nova*, registando este facto com serenidade e firmeza, cumpre um patriótico dever. Nem entusiásmos desvairados, nem pessimismos cobardes. Ha o facto consumado, de que já não podem partir duas trajetórias, e ha o Dever a cumprir. Desvarios? Cervilismo? Cabe ao Congresso Final a devida aclaração. Presentemente ha um *cartél* e uma aliança de seculos.

Devem ter cessado, por isso, todas as dissensões entre portugêses. Não mais dois portugêses devem ser dois adversarios: serão dois irmãos liais, com a obrigação indefectivel de defender a mãe comum, — esta Patria muito amada, terra de costumes generosos, onde se unificou uma raça viril e civilisadora e onde se creou uma lingua opulenta e formosa, hoje das mais faladas do mundo, — esta Patria ditosa, aquecida pelos sóes de oito séculos, regada pelo suor de vinte gerações, glorificada pelos feitos sublimes dos mais extraordinarios herois, pelas virtudes dos mais venerados santos e — gloria sem par! — cantada por Camões.

Nesta hora tremenda um só pensamento deve dominar no coração de todo o portugês — **a Patria em perigo**. Cessem *ruins politicas*, cessem animadversões; só ha um inimigo, poderoso e feroz, — a Alemanha.

E que o esforço nacional, logo que ele seja necessario, embora não diga victorias saiba pelo menos honrar as tradições de todo um Povo que ousou um dia conquistar na Historia um dos lugares mais preeminentes.

## OS NOVOS TRIANONS

MARIA ANTONIETTA, para des-  
 joar das pompas hirtas de Ver-  
 sailles, improvisou nos jardins  
 do seu Trianon uma aldeia arti-  
 ficial onde ella e as suas damas,  
 disfarçadas em camponezas e pastoras, pe-  
 neiravam a farinha e espiavam a roca, sen-  
 tindo sob o colmo das cabanas um bem-estar  
 que os muros doirados dos seus palacios já  
 não sabiam dar-lhes.

O gesto da pobre Rainha de França era  
 symbolico e precursor. Todos os *complicados*  
 dos nossos dias procuram, como ella, o sabor  
 picante da vida simples. O mundo moderno  
 tem tambem os seus Trianons, a cujos en-  
 cantos rusticos vão os Fartos buscar alivio  
 para a sua fartura. No inverno, por exemplo,  
 quanta gente rica e elegante abandona já a  
 febre das cidades para se refugiar nas mon-  
 tanhas da Suissa, onde o ar puro excita  
 como se fôra opio!

Passei agora alguns dias no mais deslum-  
 brante dos novos Trianons, em S. Moritz, a  
 aldeia suissa, frequentada pelos pastores-mil-  
 lionarios, na margem de um dos lagos do  
 maravilhoso valle da Engadine. Fui tambem  
 pastor, com delirio, durante esses curtos mo-  
 mentos. S. Moritz dir-se-ia um Paris içado  
 por um elevador a 2.000 metros acima do  
 nivel do mar; um Paris na animação, no  
 cosmopolitismo, na belleza das mulheres, no  
 esplendor dos hotéis, na abundancia das  
 equipagens, dos bailes e dos chás das cinco  
 horas. Mas um Paris disfarçado e carnavalesco  
 como o *Hameau* de Maria Antonietta, onde  
 todas as princezas andam vestidas de serranas,  
 onde todas as carruagens são trenós, *bobs-*  
*leighs*, *tobbogans*, onde os pares amorosos  
 deslisam enlaçados sobre o gelo ou palmi-  
 ham vertiginosamente a neve com os pés  
 immensos dos *skis*.

As modas de Paris não vos dão idéa, ó  
 leitoras de além-mar, dos prodigios de ele-  
 gancia nova que vi realizar em S. Moritz.  
 Alli toda a arte consiste em *fingir* que se anda  
 mal vestido! As grossas camisolas e luvas  
 de malha de lã, as carapuças felpudas, os  
 sapatões de neve, as polainas até ao joelho  
 e os bastões ferrados, guarda-roupa primitivo  
 de montanhezas barbaras, compõem alli figu-  
 rinos vivos tão feiticeiros e tentadores como  
 os que se vestem, calçam e toucam na rua  
 de la Paix.

Cada vulto feminino é uma fresca aguarella  
 que se vai desenhando em côres vivas sobre  
 o solo uniformemente niveo como uma pa-  
 gina em branco. Lindas raparigas vão além  
 patinando ao som da mnsica, vestidas de  
*swcaters* azues-celestes, amarellos de oiro,  
 verdes de relva, côr de purpura, de rosa, de  
 liláz, de cereja. Aquella, sonhadamente re-  
 clinada á prôa de um *bob*, leva uma cami-  
 sola côr de coral, uma carapuça napolitana  
 de sêda preta, as pontas de uma faixa branca  
 cruzadas sobre o peito. Aquella outra, de  
 bruços sobre a sua *luge*, toda de encarnado,  
 vai ensanguentando a neve por onde deslisa  
 veloz. Os grupos que ao acaso se formam  
 são um enlevo para os olhos. Os cabellos  
 loiros, oiro sob azul, adornam-se de toucas  
 ou turbantes côr de turqueza. A moldura  
 das morenas, vermelha ou rosea, aviva-lhes  
 e illumina-lhes as faces. Para as feias (nota  
 uma bonita) só a côr verde tem indulgencia.  
 Ha quem esconda o rosto num véo turco,  
 deixando só a descoberto os olhos para ve-  
 rificar o effeito produzido. E ha quem tenha  
 a audacia, ás vezes victoriosa, de se vestir  
 de branco, esquecendo que alli só a neve  
 tem esse direito.

E todas essas preguiçosas e ociosas das  
 cidades se tornam, em S. Moritz, matinaes

e activas, vivendo as curtas horas do seu dia num frenesi physico incessante, lavando corpo e alma de velhas taras e nodoas, purificando o olhar nas maravilhas que as rodeiam, embebedando-se de ar, embebendo-se em luz. Nunca vi tanta felicidade junta, tanta alegria e mocidade irradiante; o amor deve ser alli tropical, rindo-se do gelo ambiente. E sem duvida esses dias de sã agitação têm muitas vezes como remate, veneno succedendo ao antidoto, as salas enfumaradas das confeitarias e os *halls* dos hotéis, onde os corpos se enervam de novo nos requebros do tango. Mas o antidoto não deixa por isso de actuar: e amanhã, aos primeiros clarões do sol infatigavel, essa poeira de gente continuará a reviver e a florir, estranha primavera humana brotando da Neve silenciosa e da Paizagem morta.

Mas como pude eu, sacrilego, consagrar tantas palavras á frivola Humanidade e tão poucas á sublimidade sem par da Natureza? Não, leitoras minhas, S. Moritz não é um futil Trianon — mas o immortal Eden, uma das mais authenticas succursaes terrestres do Paraiso. Eu é que não tenho folego para pintar o que vi, nem para transmittir o que senti. Vive-se já alli paredes meias com o infinito. A terra, de uma alvura sem macula, volta-se para o céu de um azul sem macula: são dois noivos prestes a reunir-se. O ar capitoso bebe-se como um nectar. As poucas arvores que conseguiram chegar tão alto, abandonando mil companheiras exaustas pelo caminho, já não são bem arvores, são ascetas e ermitas vegetaes, cujos ramos não sabem erguer-se senão em oração. As mon-

tanhas são já do outro mundo e guardam-no como sentinellas monstruosas. O sol tambem fica perto; por isso lhe sentimos o bafo tão ardente e genesiaco. As proprias nuvens me parecem sobrenaturaes; e essa que cada manhã se desenrola das bandas do sul, como uma serpente — a serpente da Maloia, como o povo lhe chama — impressiona-me e perturba-me como um signal magico. E que dizer dos sortilegios da Luz e das vozes e écos do Silencio? Ora é a neve que, sob os reflexos do céu, córa toda de azul, ora é o céu que, beijando com paixão a neve, fica todo mais pallido. Mas os nossos cinco sentidos serão depressa inuteis se outros não vierem revezal-os. Alli a Natureza não falla — e no emtanto ouvimos-a sem cessar. E os nossos olhos, abertos ou fechados, *vêem* sempre.

E o frio? o frio? perguntam as leitoras equatoriales, suppondo terem descoberto o calcanhar infernal do meu Paraiso. O frio alli não existe, minhas senhoras; o frio em S. Moritz é quente! O frio, filho do Vento e da Humidade, morre alli orphão! Os pobres diabos dos thermometros andam por lá enregelados e chegam a já não ter grãos para marcar abaixo de zero. Mas quem não fôr thermometro, e tiver sangue (e não mercurio) nas veias, e quem trouxer uma alma dentro do seu corpo, não precisa de mais nenhum agasalho. Em S. Moritz o frio é quente, ou por outra, frio e calor são preconceitos terrestres cuja noção se perde por completo quando se está assim á beira do seio puro e imparcial de Deus.

Paris, 1914.

ALBERTO D'OLIVEIRA,



## DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Alegra-nos poder comunicar aos nossos leitores a subida honra que este illustre escritor e sabio arqueologo nos acaba de conceder permitindo o incluamos na lista dos nossos colaboradores.

Sua *Ex.<sup>cia</sup>* distinguirá o proximo numero da *Alma Nova* com um valioso artigo sobre etnografia artistica, que será illustrado com um dos melhores desenhos etnograficos do nosso colega de Direcção e grande artista Saavedra Machado.

# O ROUXINOL

## NOS POVOS INDO-EUROPEUS

(NÓTULA FILOLOGICA)

**D**ESDE o primeiro dia do seu aparecimento sobre a terra que o homem começou a escrever a sua historia, a principio sem a minima intensão de transmitir aos que após ele viessem as suas acções, cujo âmbito não ia então muito alem da animalidade e cujo fito exclusivo era a satisfação das necessidades materiais; só depois, quando de certo a existencia já lhe não exigia a tenaz luta de todos os dias, é que, provavelmente muito antes de o fazer por meio da escrita, pensou em perpetuar o seu nome com obras a tal fim propositadamente destinadas. Mas, se a principio o homem se nos revela apenas por artefactos rudes e grosseiros, como rude e grosseira era a sua vida, no seu espirito contudo já existia o germen de todas as sciencias e artes, e este, em continua fermentação, ia-se revelando a pouco e pouco e como que tentava desembaraçar-se da grossa casca que o envolvia. Naturalmente as primeiras manifestações desse trabalho latente não desdiziam das outras, provocadas pelas exigencias animais, a julgar das rudes produções que, sob o aspecto artistico, ascendem ao periodo mais antigo da vida humana; mas a persistencia e tenacidade fizeram que esses passos, dados pelo homem com hesitação e tibieza na nova estrada por ele começada a trilhar, adquirissem cada vez mais firmeza, até que puderam pisar o terreno com toda a segurança.

Que espaço de tempo porêem decorreria entre estas duas fases do espirito humano é o que a sciência não pode definir, sendo no entanto natural que essa transição da meninice para a virilidade fosse de longa duração.

Entre as diversas maneiras pelas quais o homem nos transmitiu, sem proposito preconcebido, a sua historia, ou antes deixou marcado com traços indeléveis o seu progressivo desenvolvimento espirital, uma das mais notáveis pelo grande numero de factos demonstrativos desse desenvolvimento é a linguagem. Por ela aprendemos a conhecer o elevado grau de abstracção que o espirito humano havia atingido, a quando da chegada ao estado de flexão da primitiva lingua indo-europea, e consequentemente do estado de civilização dos que a falavam, o qual nela se reflecte, como em um espelho.

Dos inúmeros factos que no-la bem patenteiam

escolherei apenas um—a denominação dada ao rouxinol por alguns desses povos, e portanto a maneira como por eles foi apreciado o canto desta ave.

E' de crer que, apenas o homem acordou para a vida do espirito, a sua atenção fosse despertada, nas regiões em que ele vivia, pela doçura e variedade das notas, e mais ainda pela ocasião em que o passarinho fazia ouvir o seu canto. Ainda hoje, costumados já aos sons tão variados e artisticos que a musica sabe produzir, os seus gorgeios causam-nos sempre sensação agradável, seja qual fôr a hora em que os oíçamos; mas essa sensação de prazer redobra de intensidade, se é numa noite de luar e por entre um silêncio apenas quebrado pelo murmurar da agua nos arrosios ou pelo ciciar da folhagem no arvoredo que eles chegam aos nossos ouvidos, trazidos pelas auras perfumadas.

Vejamos, porêem, como foi que povos oriundos do mesmo tronco apreciaram a avezinha. Para os gregos que, a meu ver, ainda nisto revelaram a sua superioridade artistica aos outros seus irmãos,—aquele fino gosto de que deram exuberantes provas nos variados ramos de actividade espirital—o rouxinol era apenas o *αὐδῶν*, isto é, o *cantor* por excellencia, aquele que no mundo das aves a todas sobresaia pela perfeição do seu canto, e melhor sabia propuzir e variar os tons, casando-os por forma tal que resultava um concerto harmonioso a mais não ser, como se infere do nome *αἰθωνία*, que também lhe deram; fosse qual fosse a hora do seu canto, o grego só via nele o produtor dos sons mais melódiosos, das notas mais perfeitas, dos acentos mais artisticos.

Mas aos povos do centro e ocidente da Europa o que no rouxinol, parece, mais os impressionou foi a ocasião em que ele se fazia ouvir; para eles a qualidade de cantor ficava em plano secundário, porquanto lhe era comum com as mais aves canoras, o que o diferenciava destas era o tempo em que desferia as suas canções. Assim, para os povos de lingua germanica o rouxinol era o que cantava de noite, como se vê das denominações que esses povos lhe dão, a saber: *nightingale* em inglês, *nachtigal* em holandês e *nachtigall* em alemão, as quais representam as formas actuais de outras mais antigas, mas em que entram os mesmos elementos, isto é, o substantivo *night*, desi-



**«CABEÇA DE MERETRIZ»**

**: POR : SAAVEDRA MACHADO :**  
na coleção de ALBINO FORTES DE SAMPARÓ

gnação, comum a todos aqueles que falam idiomas oriundos do antigo indo-europeu, da parte do tempo durante o qual a terra está geralmente envolta em trevas, e o antigo verbo teutónico *galan*, que significa *cantar*.

Embora o seu canto se ouça em varias horas da noite, é principalmente pelo seu começo, ou seja aquele espaço do dia que decorre entre a luz e a escuridão, ao qual damos com os romanos o nome de *crepusculo* ou claridade duvidosa, que o passarinho parece mostrar mais predilecção, soltando então os seus trinados mais ricos em variedade de modulações. Foi provavelmente desta circunstancia que os latinos tiraram o nome de *luscinia* que lhe deram, cujo ultimo elemento é constituido indubitavelmente pela raiz *can* ou *cantar*, trocada a vogal *a* por *i* em virtude da apofonia, parecendo o primeiro estar por *lucs*, ou seja a *luz* final do dia <sup>(1)</sup>. Mas ha tambem quem veja n'aquelle elemento a raiz *lug*, isto é, *luges*, e então já a concepção teria sido outra, pois que daria a entender que o canto do rouxinol fôra apreciado pelo lado musical das suas notas, as quais aos ouvidos romanos soariam como repassadas de melancolia, e ele tido pelo *cantor da tristeza* por excelencia. Embora Walde no seu *Dicionario latino etimológico* se incline antes para esta ultima interpretação, a mim afigura-se-me ela artistica demais para o romano, cujo espirito, no dizer do proprio Horacio (cf. *Arte Poet.* 324 e seg.), roçava unicamente pelo material, ao contrario do grego, que só era atraído pela beleza e ao qual, portanto, unicamente a gloria fascinava.

Pretendem outros ainda ver no primeiro elemento um representante de *lucus* ou *bosque*, e então *luscinia* quereria dizer tanto como o *cantor dos bosques*, denominação esta que tambem não descaeria á ave de cujo nome me estou ocupando, tanto mais que o bosque assim designado não tem nada de espesso, segundo se deduz do parentesco reconhecido entre *lucus* e a raiz *luc*, já mencionada, e essa qualidade é julgada favoravel ao canto das aves <sup>(2)</sup>.

Mas estas denominações, que accusam nos povos que as criaram um sentimento artistico bem definido, desaparecem á porporção que se caminha para o Oriente, onde a ave passaa ser indicada por vocábulos, que ora se referem á côr *amarélo-palido* da sua plumagem, como o do actual russo *solovoj*, que concorda com os das antigas linguas slava e prússica, isto é, *slavij* e *colowis*, ora á qualidade de *esvoaçar*, que lhe é comum com todas as aves,

secunda mostra o litávico *lakszingala* ou *laksztyti* (cf. *Real Lexikon der Indog. Altertumskunde* de Shrader, s. v.); outros povos finalmente, como o persa, baptizaram-no com um nome que em certo modo arremeda algum tanto o seu gorgoio, chamando-lhe *bulbul*.

Desta variedade de designações, e portanto da falta de uma unica para o mesmo pássaro em povos de igual proveniência e linguas cognatas, talvez se possa deduzir que o primitivo indo-europeu desconhecia o rouxinol e colher daí algum subsídio elucidativo para a resolução do problema tão debatido do lugar do seu primeiro assento.

Naturalmente para os povos de lingua latina o rouxinol continuou a manter a anterior denominação, mas sob a forma diminutiva *lusciniola* ou antes *lusciniolus*, por se haver trocado em masculino o genero femenino que tinha, como nos nomes gregos correspondentes, a qual, de certo devido á pequenez da ave, no povo suplantou a outra por forma tal que só dela provêm os respectivos representantes nas principais linguas romanicas ou sejam o *lusingnuolo* ou *usignuolo* com queda do *l* inicial, considerado erradamente como artigo, e ainda *rossignolo* do italiano, o *rossignol* do provençal e francês e a mais *lousignol* na lingua arcaica deste, o *rosinol* do antigo castelhano e hoje *ruiseñor* <sup>(1)</sup>, e, finalmente, o português *rouxinhol* ou *rouxinol*, e antes tambem *roussinol*.

Dos diversos nomes dados ao rouxinol por estes povos, muito principalmente dos com que o designaram os helenos, germanos e latinos, conclui-se que a admiração que ainda lhe votamos é bem antiga; a multiplicidade e variedade das notas que caracterizam o seu canto e o distinguem de modo especial do dos demais pássaros tem por forma tal atraído a atenção do homem em todos os tempos que desde Aristóphanes até hoje várias tentativas se hão feito para o reproduzir; dentre elas sobressai a de Dupont de Nemours (1739-1817) que, imaginando naturalmente que êle cantava na sua lingua, compôs os versos seguintes que não resisto á tentação de para aqui os transcrever e que podem, como diz o *Dictionnaire* de Larousse, ter por titulo a

### Chanson du rossignol

Dor, dors, dors, dors, ma douce amie,  
Amie, amie,  
Si belle et si chérie;  
Dors en aimant,  
Dors en couvant,  
Ma belle amie,  
Nos jolis enfants.

(1) Assim interpreta tambem Freund (cf. o seu *Dic. Lat. s. v.*) os vocabulos latinos *luscinia*, *luscinius* e *luscinus*, isto é, *luscus-cano*.

(2) E' sabido que na nossa mata do Buçaco raro se ouvem os passaros, atribuindo-se all o facto, segundo ouvi, á grande espesura do arvoredo.

(1) Tanto nesta forma como na galega *ruiseñor* deve influído o processo conhecido em fonética pelo mone de *etomologia popular*:

Nos jolis, jolis, jolis, jolis, jolis  
 Si jolis, si jolis, si jolis  
 . Petits enfants

(Pausa)

Mon amie,  
 Ma belle amie,  
 Á l' amour,  
 Á l' amour ils doivent la vie,  
 Á tes soins ils devront le jour.  
 Dors, dors, dors, dors, ma douce amie;  
 Auprès de toi veille l' amour,  
 L' amour,  
 Auprès de toi veille l' amour.

Evidentemente não se pode afirmar que esta seja reprodução exacta do canto do rouxinol, pois que todos confessam a sua intraduzibilidade, no entanto é incontestável que o seu autor procurou imitá-lo no limite do possível.

Quanto ás impressões que ele em nós desperta e ás quais poetas e romancistas sobretudo se tem bastas vezes referido, variam elas muito, consoante as disposições de espirito de quem as escuta; parece todavia que entre elas predomina a de tristeza e melancolia; pelo menos assim o interpretou

*N. da R.* — Reservando para breve a homenagem de que é digno o talentoso escritor e ilustre algarvio que firma o presente inédito e que é um dos tres ou quatro que em Portugal sabem filologia, limitamo-nos hoje a agradecer muito penhoradamente a sua franca anuição ao nosso convite para colaborar na *Alma Nova*.

Neste agradecimento permitimo-nos envolver ainda o nome glorioso do brilhante prosador e queridissimo poeta Dr. Alberto d'Oliveira, que hoje nos dá tambem o prazer da sua mimosa colaboração.



## A CANÇÃO DOS TEUS OLHOS

I

*Olha! Morena de olhos castanhos,  
 Não vês? Meus olhos vão te abraçar.  
 Abre os teus braços como os teus olhos...  
 —Que grande abraço nós vamos dar!*

II

*Agora um beijo. Não é preciso  
 Unir os lábios para beijar.  
 Bastam os olhos... basta um sorriso...  
 —Bemdito beijo que vamos dar!*

V

*E quando abrimos de novo os olhos  
 E nos lembrámos do nosso amor,  
 Dizemos ambos, olhando o céu:  
 —Bemdito seja Nosso Senhor!*

III

*Minha morena de olhos de fogo  
 Fecha os teus olhos inda a sorrir;  
 Fecho os meus olhos—fico-te vendo...  
 —Que lindo sono vamos dormir!*

IV

*De olhos fechados, de vez em quando,  
 Estes meus versos balbuciámos.  
 Mas não nos vemos, nem nos ouvimos...  
 —Que lindo sonho que nós sonhámos!*

V

entre outros a *Menina e Moça* do nosso mavioso Bernardim Ribeiro.

Por tal doçura e suavidade de canto tem esta ave merecido ser celebrada desde os mais remotos tempos, figurando o seu nome, com elogio, na poesia assim dos antigos indios (1) e persas, gregos e romanos, como na dos modernos poetas; a ela se referem tambem velhos e modernos prosadores, exaltando, como aqueles, a inexcedível e inimitável perfeição dos seus trinados. Para todos e ainda para o povo foi a concepção grega de cantor por excelencia a que predominou, tanto assim que de uma pessoa que se distingue pela habilidade e arte exímia com que faz ouvir as mais variadas notas musicais dizemos que *canta como um rouxinol*.

J. J. NUNES.

(1) Assim o afirma a *Encyclopedia* de Chamber, dizendo que «the nightingale .. is often mentioned in the poetry of India etc.»; como, porém, nesta região se não encontra o passaro ao qual damos o nome de rouxinol, segundo informação do distinto orientalista Mgr. Delgado, é de crer que se trata de outra ave, talvez o *kokila* ou cuco preto Indiano, pois dêle se diz no *Sans-krit-english Dictionary*, Oxford, 1895, que «frequently alluded to in Hindu poetry; its musical cry being supposed to inspire tender emotions».

## POETAS E ESCRITORES NA INTIMIDADE

Eça de Queiroz revelado por uma illustre senhora de sua familia e intimas relações,  
—a distinta escritora D. Conceição d'Eça de Mello.

### EÇA DE QUEIROZ

#### II

C
 OMO disse no numero antecedente,  
foi Eça de Queiroz transferido de  
Bristol para Paris.

Como escrevo de memoria, evocando esta ou aquella recordação, como me vão apparecendo e me saltam dos bicos da penna, não posso dizer a data exacta, mas julgo que seria em 1899.

Tinha então só a sua pequena Maria, a filha a quem estremecia.

Paris e a sua intensa vida, tão buliçosa, tão empolgante, éra-lhe por demais conhecida.

Passara na bella cidade grandes estações, vivendo a vida de rapaz despreoccupada e alegre. Agora, porém, casado, a sua alta comprehensão da vida de familia, o seu fino gosto artistico, que em tudo se manifestava, levou-o a escolher casa, não nos bairros mais ruidosos lado a lado com os grandes *boulevards*, perto dos theatros, dos *cercles*, das ruas aristocratas aonde a vida é mais brilhante e intensa, mas sim ás portas de Paris, quasi dentro do *Bois*, na poetica Neully, aonde outr'ora vivera Luiz Philippe, que de lá se foi, levado pela revolução, para occupar o throno de S. Luiz.

Estranho destino das cousas!

Luiz Philipe que alli vivia socegado e feliz, levando a vida patriarchal de um grande fidalgo, bom chefe de familia, é arrancado ao seu viver tranquillo, lançado nas luctas da politica, que depois o atirarão para o exilio, e o seu palacio, o seu extenso parque, os seus jardins, dos quaes tão vaidoso éra, cortados e recortados em propriedades, grandes e bellas mas em nada semelhantes ao que tinham sido quando reunidas na opulenta habitação da real familia d'Orleans.

Desapareceu o grande palacio, e, consequencia da época utilitaria que a França ía atravessando, os bellos prados, as umbrosas matas, os viçosos jardins cederam o passo a magnificos prédios de rendimento.

Quasi todos elles são edificados tendo por traz grandes jardins, e n'esses um ou dois pavilhões cercados por espaços arrelvados esmaltados de flores.

Esses pavilhões são muito disputados, pois que cada um d'elles forma a mais deliciosa vivenda.

Foi em um d'elles, composto de um *entresol* e dois andares, parecendo emergir de uma *corbeille* de lilaz e rosas, que em 1894 fui encontrar Eça de Queiroz.

Que vida feliz e cheia de affectos alli passava!...

Quando lá fui pela primeira vez, já então, além da sua gentil Maria, tinha os tres pequenos, que tão galhardos rapazes hoje são.

Nessa poetica casa de Neully, passei horas inolvidaveis.

Já de longe aquella elegante habitação, com o seu gracioso balcão abrindo em duas escadas para o pequeno jardim tão gentil e *coquet*, com as suas gelosias e nas consoles das janellas grandes vasos, sempre floridos, parecia sorrir-nos e acolher-nos com affecto.

Quando se transpunha o gradeamento do jardim aspirava-se como um perfume de felicidade.

Não era porém a felicidade, por assim dizer estúpida do vulgar, essa felicidade que a muita gente basta e que é feita só da ausencia de desgostos.

Para alguns é sufficiente esse bem-estar relativo, e a passividade da sua natureza en-

contra n'essa especie de feliz marasmo o bastante para lhe contentar a modesta fantasia.

Para as almas d'*élite*, porém, é preciso mais, muito mais, e a satisfação intellectual, no que ella tem de mais puro e elevado é-lhe absolutamente necessaria.

Alli, n'aquella formosa habitação de Neully vivia-se muito pelo espirito.

Eça de Queiroz era na vida intima verdadeiramente encantador. Só aquelles que viveram com elle podem bem dizer o conjunto de delicadêsa, graça e bondade que o seu tracto intimo revelava a todos os momentos.

E' que n'elle as qualidades do coração estavam a par das da intelligencia. No seu espirito havia um sentimento innato de justiça e uma bondade que nunca se desmentia. O pobre, o desvalido, tinha a certeza de encontrar n'elle um protector.

Eça de Queiroz éra um bom, e no emtanto muitos o temiam.

As suas ironias eram agudas e certeiras. Juvenal não as engeitaria.

Feriam fundo como tagante manejado por rijo pulso.

A reputação de desapiedado ironista,—bem justamente ganha — assustava, e muitos que em vida não ousariam responder-lhe se vingaram quando a morte veio sellar aquelles labios que tantas vezes um sorriso de supremo desdem aflorava.

Esses que sem bem o conhecerem o temiam, não comprehenderão talvez, o que deixo dito, e—quem sabe!—o julgarão inspirado por uma cega amisade, ou peor ainda, pelo proposito de apresentar ao leitor uma personalidade de minha fantasia.

Nem uma nem outra cousa. Affirmo-o.

Repito: nem todos o amaram, porque muitos o não conheceram.

A ironia com que fustigava os ridiculos era uma consequencia do seu temperamento artistico.

D'elle pode dizer-se que do berço ao tumulto passou n'este mundo observando philosophicamente os homens e as cousas e satyrisando os ridiculos, aonde quer que os topasse. Depois havia uma tal originalidade no

seu espirito, na sua maneira de sentir, que desconcertava o observador que se propuzesse advinha-lo por indução.

D'ahi um certo despeito; e ha caracteres, felizmente não muito numerosos, que do despeito a um mais feio sentimento não demoram um passo.

\*

Está ainda na memoria de todos quanto o grande romancista foi um bom conversador. Mas se alguém julgar que esse prazer de manejar a palavra, com a sciencia de quem lhe conhece todos os segredos, éra o seu prazer dilecto, muito se engana.

Creio, pelo que muitas vezes lhe ouvi, que as horas passadas no silencio do escriptorio, mesmo quando não trabalhava lhe não eram as menos agradaveis.

Como ainda agora me parece estar vendo esse escriptorio!

Um quarto amplo, quadrado, allumiado por quatro janellas, e todo forrado de estantes. A um lado um bufete grande, e sobre elle um magnifico tinteiro, e entre as mil cousas proprias de uma meza de escripta, uma enorme palmatoria de prata, trazida, creio que da Hollanda, pelo seu amigo dilecto: o conde do Arnoso.

Ao outro ladò uma carteira alta e esguia aonde ordinariamente escrevia de pé, pois a sua maneira de trabalhar era passeando ao mesmo tempo que vinha escrevendo o que no seu espirito se completava.

No meio das duas janellas da frente o fogo, sempre no inverno acceso, apesar do calorifero que aquecia toda a casa, pois o romancista amava o delicado prazer de *tisonner*, essa incomparavel maneira de sonhar acordado, vendo correr sobre o brazido tanta scena ideal! . .

No escriptorio havia sempre flores, que Eça de Queiroz, como todas as pessoas de gosto delicado, amava apaixonadamente, preferindo a todas os cravos, que lhe traziam sempre á memoria Portugal.

20-2-16

C. D'EÇA DE MELLO.

(Continua)

: PERFIS PORTUGUESES :



NOTA HUMORISTICA

: POR : SAAVEDRA MACHADO

## ALEMTEJANOS . . .

Chapeirão desabado, jaqueta, o negro lanoso dos açafões a engrossar-lhe as pernas que polainas fartas e esgarçadas livram dos estevaes, — o pastor junta a vara de suinos e vae, montes fóra, ganhar o pão de cada dia . . .

Matas de sobreiros estendem-se a perdêr de vista . . . Campos de trigo, requeimados, abrem ao sol a nudês quente dos restolhos . . . Cegonhas passam, voando alto, em busca dos paùes . . .

E a tarde vem . . . Feliz, o pastor regressa a casa. Anda lentamente, bendizendo a Terra ; canta a alegria do seu vivêr . . . E o ritmo longo e lento, terno e manso da sua canção vae gemêr pangencias e morrêr aos poucos . . . longe . . . muito longe . . . sôbre os rios calados . . .

A. BUSTORFF.

CONTOS, LENDAS E TRADIÇÕES ALGARVIAS

## AS MOURAS ENCANTADAS

(INEDITOS DE ATAÍDE OLIVEIRA)

## I — A MOURA ENCANTADA DE SILVES

(CONTINUAÇÃO DO N.º 13)

No sitio de *Monte da Legoa*, entre Silves e o Al-gôz, encontrei uma bonita lenda, que me foi recita da por uma velhinha do mesmo sitio. Os pais da velhinha eram d'ali naturais. Estacio da Veiga publicou este rimance no seu *Romanceiro*, e foi deste que o transcrevemos.

## ALMENDO

A caçar andava Almendo,  
A caçar como soia,  
Mas seu perro tão cançado  
Que já correr não podia  
Onde havia anoitecer-lhe?  
Em rude estrada montia  
Em que não houvera gente  
Nem tão pouco abrigo havia;  
Tão só um grande arvoredro  
O campo todo cobria.  
Deitou olhos a um loureiro  
Vê um rosto que sorria;  
Seu fino cabelo de ouro  
Toda la rama cobria;  
O lindo olhar dos seus olhos  
Em todo o monte lumbria

— «Que fazeis aqui, Senhora,  
Quem aqui vos prantaria?  
Ai! quem veiu aqui deixar-vos  
Nesta chaparra sombria?  
Contai-me lá vossa historia  
Que eu por gosto a escutaria».

— «Sou filha do Rei da França,  
Neta sou d'El-Rei da Hungria;  
Aqui me trouxeram mouros  
Com sua feitiçaria,  
Encantada me deixaram  
Até vêr quem me queria;  
Se o cavaleiro quizer  
Minha sina quebraria,  
Montava-me em seu cavallo  
E daqui me levaria».

— «Levara, sim, vos levará,  
Já vos dera companhia,  
Mas tenho atrás de voltar  
Pelo perro que trazia  
Que em tais horas de cançado  
Para ahí se estenderia».

— «Adiante, ó cavaleiro,  
Não useis descortezia,  
Deixando uma dama infanta  
Por um perro que dormia;  
Se me deixais pelo perro  
Tem ele bem mais valia».

— «Não é sómente por ele  
Que eu ahí a deixaria,  
Mas é também pela caça  
Que me deteve este dia  
E me ficou resguardada  
Numa longe penedia».

— «Adiante, ó cavaleiro,  
Não useis de vilania,  
Não deixeis por pennas mortas  
Minhas penas em porfia;  
Ora comvosco levai-me  
Que meu pai por vós seria».

— «Não se me dá dessa caça  
Que por'hi me ficaria,  
Mas a sêde agora é tanta  
Que já me causa agonia;  
Quedai-vos, senhora, um pouco,  
Que eu á fonte correria,  
De volta fôra comvosco,  
Antes que raiasse o dia».

— «Ai, cavaleiro, escutai-me  
Por Deus e a Virgem Maria;  
Eu vos matarei a sêde  
Que ora matar-vos queria;  
Eu vos darei a beber  
Prantos da minha alegria».

Cativa-se o cavaleiro,  
Quem se não cativaria?  
Nisto la enfeitada  
Do loureiro se descia.

— «Vamos cavaleiro a Roma  
Pôr os pés em pedra fria,  
Padre Santo que lá reza  
Absolvição nos daria».

— «Não iremos lá tão longe,  
Que em vós não ha maladia,  
Ireis á minha albergada,  
Lá tereis albergaria».

A caminhar se pozeram  
Quando a lua mais lumbria,  
E dava o clarão no rosto  
De la infanta que fugia,

Quando ao meio do caminho  
Perro moiro lhe saía,  
Que era quem a vigiava,  
Que era quem a guardaria.

— «Tem-te, tem-te, cavaleiro,  
Se a vida não te agonia;  
Se la pucela me levas  
Levas a luz do meu dia».

— «Só m'importa o que te levo,  
De ti não m'importaria».  
— «Se a dona tu me roubaras  
Logo aqui te mataria».

Para ele avança o moiro  
Pensando que a deteria,  
Mas ao puxar pela infanta  
A mão aos pés lhe caía;  
Queda-se ele pensativo  
Sem saber o que faria.  
Emquanto o mouro pensava,  
Emquanto ele se doria,  
O cristam com la infanta  
Voava, que não corria...

\*

Antes da construção da estrada que circunda os muros de Silves, havia um caminho turtuoso que ia dar a um ribeiro, onde as mulheres lavavam a roupa. Sempre que as mulheres tomavam esse caminho, aparecia no muro mais alto um mouro vestido de amarelo, de grande chapéu na cabeça, a acenar para as mulheres, prometendo-lhes riquezas sem fim.

Nenhuma fazia caso do oferecimento e punham-se de corrida para o ribeiro, onde encontravam quem as protegesse. Então sobre elas caía uma chuva grossa e desabrida, mas quando chegavam ao ribeiro e examinavam o fato, julgando-se molhadas, viam-se enxutas.

\*

Um hortelão morou á entrada da cidade de Silves, em uma horta que tinha de renda, e saía d'aquela horta pelos grandes medos que ele e sua familia apanhavam todas as noites. Era o caso: «Logo que batia a ultima pancada da meia noite, ouvia o barulho que faz sempre a entrada de um cavallo sobre grande massa de agoa e ao mesmo tempo ouvia as seguintes palavras:

— «Salta, meu cavallo. Vejo lá em cima as almenaras».

Ora o caso produziu-se certamente no *pego do pulo* onde se afirma ter morrido o ultimo Rei de Silves. Eram muitas as lendas que corriam pela cidade, mas não chegaram aos nossos dias.

Fóra da cidade dava-se o mesmo.

Antigamente, quasi se pode dizer, em cada predio da cidade havia uma lenda de mouras encantadas. Hoje nada se conta: acabaram as lendas.

Como disse, ha muitas lendas nos arredores de Silves. No lado oriental da cidade, quasi a tres kilometros de distancia, ergue-se um outeiro, conhecido pelo *Monte das Cabeças*. Este outeiro fica na parte oposta ao ribeiro do *Enxerim*. Supõe-se fosse ali o cemiterio mourisco, se é que as muitas sepulturas ali encontradas não teem mais antiga origem. Cemiterio ou não, ha ocasiões em que ali aparecem muitos mouros. Nessas noites vagueiam por ali muitas sombras...

\*

Por alguns seculos correu sob a auctoridade da lenda uma noticia completamente falsa. Tendo D. Paio feito correr a noticia, de que ia sobre de Estombar, deu motivo a que o Rei de Silves, Ibn-Maffot ou Aben-Afan com todas as suas forças corresse em defeza do castelo de Estombar... Era isso que D. Paio esperava, caindo sobre Silves, que ele encontrou aberta. Quando Ibn-Maffot teve disto noticia correu de Estombar a Silves, mas já a não pôde encontrar aberta. Então, desesperado, deu de esporas ao cavallo, mas com tanta infelicidade que o cavallo foi cair num pego onde o rei morreu afogado.

Hoje está prova do que Aben-Afan ou Ibn-Maffot, figurou na historia muitos anos depois da scena do Pego do Pulo. Foi ele rei de Niebla, e muito tempo depois fez doação do seu reino a favôr de D. Afonso X de Hespanha; e mais tarde foi considerado entre os ricos-homens desta nacionalidade.

ATAIDE OLIVEIRA

Da Academia das Sciencias de Portugal  
e Instituto de Coimbra.





## J. Saavedra Machado

**A** PRAZ-NOS registar com entusiasmo os nossos agradecimentos á imprensa, pela maneira captivante como foi acolhida a entrada de Saavedra Machado, no número anterior, para a Direcção artistica da nossa revista; e aproveitando a ocasião para testemunharmos tambem ao talentoso artista o regosijo que nos trouxe a sua companhia, num acordar de novas e patrioticas energias, permitimo-nos fazer a sua apresentação a todos os nossos leitores, artistas e patriotas.

Saavedra Machado não é um nome que aparece agora pela primeira vez nos elogios da imprensa. Artista já formado e um dos mais talentosos da nova geração, desde ha muito que soube conquistar na critica um lugar escolhido. Grande sem alardes, trabalhador e honesto, inteiramente entregue ao seu sonho de beleza e perfeição, ele possui todos os predicados que caracterizam um bom artista, nunca se deixando arrastar por outros interesses que não sejam os de constituir uma obra em que um dia se possa erguer inegavel a sua personalidade.

E sendo um artista digno da nossa admiração, Saavedra Machado é ainda um patriota merecedor de toda a nossa estima. A beleza inesprimivel desses poemas em traço que são os seus albuns de «arqueologia» e «etnografia», no *Museu Etnologico Português*, de que é desenhador, deixa-nos apreciar no artista não sómente a inspirada elegancia do traço e a encantadora firmeza do pulso, mas ainda e principalmente uma profunda adoração pelas coisas admiraveis da patria que lhe foi berço.

A *Alma Nova*, aconchegando-o a si com sincero entusiasmo, alegra-se por poder felicitar os seus leitores pelos belos momentos de arte que Saavedra Machado, representando em nossas paginas toda a nova geração artistica, mensalmente e progressivamente lhes fará apreciar.



J. Saavedra Machado

(Auto-mascarilha)

## D. Francisco Gomes do Avelar

A COMEMORAÇÃO DO PRIMEIRO CENTENARIO DA SUA MORTE.

**D**IGNIFICAR a memoria daqueles que por seus feitos e virtudes enaltecera a sua patria e conseguiram elevar o seu nome até á divinisação, não é sómente pagar-lhes o nosso tributo de reconhecimento, mas é ainda, sobretudo, reforçar e engrandecer

na patria os elos que a susteem á sua individualidade historica.

Ora eu não sei, evidentemente, de outro nobre e glorioso vulto português, que feitos e virtudes nos deixasse mais dignas de recordar com verdadeira admiração, do que esse homem extraordinario e santo bispo que se chamou D. Francisco Gomes do Avelar. O clero algarvio, impulsionado pela vontade inteligente do seu actual prelado, o Senhor D. Antonio Barbosa Leão, e avocando o dever de continuar

honrando as suas nobres tradições, na cumunhão d'estes principios deliberou comemorar com um Congresso o 1.º centenario da morte do virtuoso bispo, assinalando assim um gesto de alto significado que desejaríamos ver repetindo-se em todas as provincias.

Grande evangelizador e grande português, D. Francisco Gomes do Avelar, não merece somente a veneração de todos os algarvios, merece a consagração de todos os portugueses. Se foi grande para o Algarve, ele foi enorme para a sua Pátria, — porque foi um grande exemplo para as gerações. Mais do que nenhum dos grandes vultos que até hoje têm honrado e enaltecido a Igreja, ele soube dignificá-la, — verdadeiro pastor entre as suas ovelhas e verdadeiro cidadão ante a patria que lhe foi mãe.

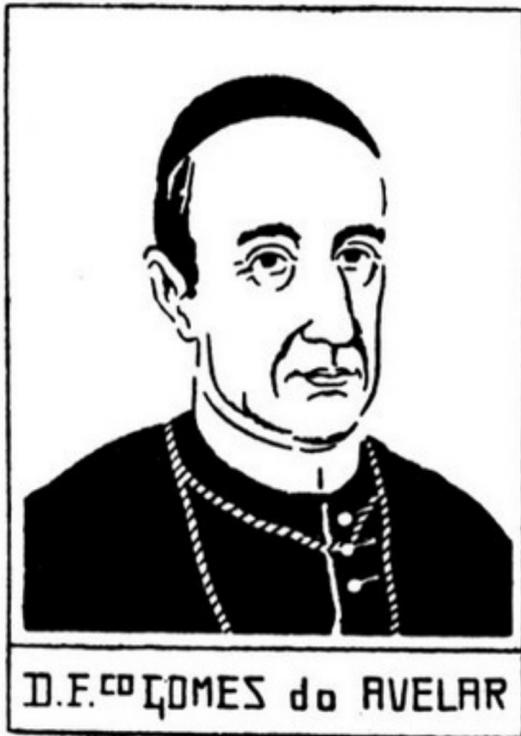
No Algarve, a linda provincia que durante mais de 30 anos pastoreou, quasi não ha um cantinho onde as suas virtudes não estejam vinculadas numa grande obra, como não ha coração onde o seu nome não viva ainda impresso a caracteres inapagaveis.

Tomando posse do bispado desta provincia, em 29 de maio de 1789, e indo encontrar as suas ovelhas tresmalhadas e falthas de pasto espirital, o seu primeiro pensamento foi ir logo, ele proprio, conhece-las, anunciando por toda a provincia a sua «primeira visita.»

(Determinamos em favor de Deus examinar pessoalmente o estado não só espirital, como temporal dêste nosso bispado, . . . † Francisco, Bispo do Algarve, — Carta Circular de 12 de Agosto de 1789).

Mal sabia o Algarve que esta visita iria acordar na alma do recenvindo prelado tão nobres dedicações pelo seu resurgimento.

«Naquêles tempos não havia estradas, nem pontes de comunicação entre as diversas povoações do Algarve. A diocese compunha-se de sessenta e nove freguesias, vinte e seis das quaes dependuradas nos montes, mergulhadas nos fundos dos barrancos e encostadas aos rochedos. Muitas vezes succedia ao viandante ter de esperar horas inteiras, e até dias, que as ribeiras lhe dessem passagem. Nas freguezias da serra não se encontrava uma estrada que conduzisse os moradores à sua sêde: vales profundos e encharcados, passos perigosos e dificeis, charnecas inhospitas e alpestres, atoleiros e penedias, carris de cabras e de animaes ferozes, tinham de ser atravessados ou saltados, algumas vezes com perigo da propria vida e sempre com grande trabalho; nas freguezias do litoral, se não era tão custosa a jornada, não deixava de estar disposto o viandante, nos dias de inverno, aos atoleiros, outros tantos sorvedouros, que enguliam os homens e as cavalgaduras». Não obstante, (Ataide Oliveira, *Biografia de D. Francisco Gomes do Avelar*), o venerando prelado, com rosto alegre, lá ia, na sua missão, tomar conhecimento das suas ovelhas, apressando-se a vi-



D.F. GOMES do AVELAR

sitar aquêlas mais internadas na serra, certo de que seriam os mais necessitados da sua visita pastoral.

Viu ele, pois, que, não só o estado espirital e temporal das suas ovelhas, mas ainda, que o estado material e intelectual de toda a provincia era miseravel, e «logo começou a mostrar o seu grande zelo pelo bem da igreja e dos povos». (Silva Lopes, — *Co-rogografia do Reino do Algarve*).

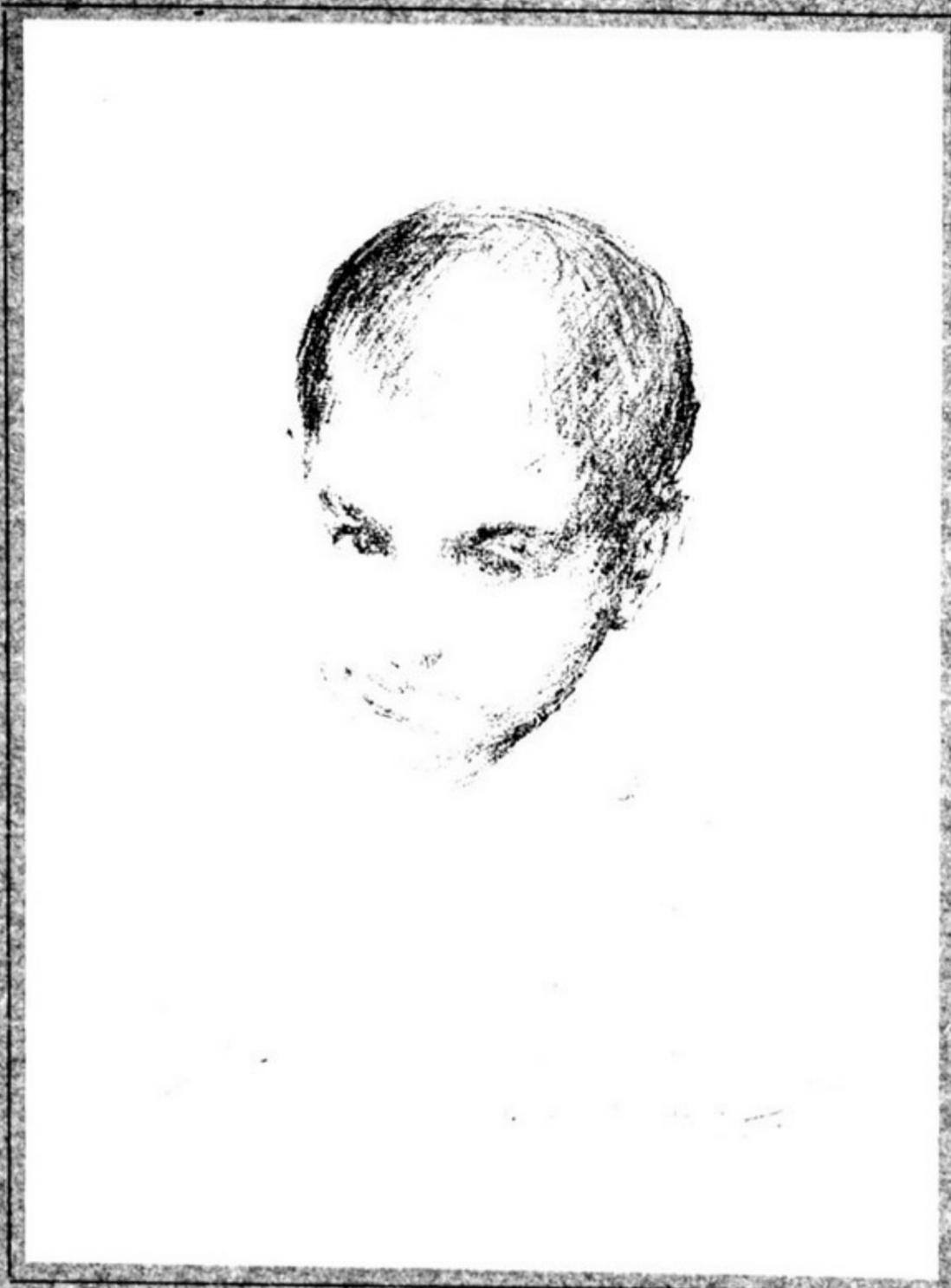
Viu que na sua patria adotiva havia fome e sêde do saber, e ele foi quem se incumbiu de espalhar pela classe dos lavradores a educação propria da sua profissão; viu que além da classe dos lavradores havia muita gente que não tendo propriedades e não sabendo os melhores processos de trabalho vegetava, arrastando uma vida cheia de privações, — e chamou da Italia architectos, escultores e pintores, que sustentava á sua custa, e empregou-os nas suas obras, os quaes dentro em pouco formavam outras tantas escolas artisticas, de onde saíram muitos algarvios sabendo ganhar o pão proprio e de suas familias; viu, emfim, que no Algarve estava tudo por fazer, — e, com a mesma penna com que escrevera pastoraes em favor da salvação das almas dos seus diocesanos, escreve folhetos que espalha por toda a diocese, ensinando os preceitos da agricultura e os melhores processos de construir boas estradas, assentar seguras *passadeiras*, e de lançar famosas pontes. (A. Oliveira — *obra cit.*). *Fervet opus*, exclama o Dr. Ataide, recordando Virgilio. Trabalha-se com actividade em todo o Algarve. Artistas italianos assentam em Faro as suas oficinas; acompanhado de engenheiros, sendo ele o principal, D. Francisco Gomes percorre a provincia, levanta plantas, desenha calçadas, profunda as ribeiras e os barrancos, para lançamento das *passadeiras* e pontes, tudo á custa do seu dinheiro, dos seus esforços e até do seu trabalho manual, porque o venerando prelado não duvidava de subir aos andaimes e de auxiliar os seus operarios, como varias vezes foi visto nas obras do seminario e hospital». De dia andava o venerando prelado exposto aos rigores das estações na faina dos melhoramentos espirituais e temporais da sua provincia; á noite rezava o seu officio divino para depois pegar na penna e escrever as suas pastorais e os seus folhetos sobre a agricultura». (Ataide Oliveira, — *obra cit.*).

Nas repetidas visitas que fazia ás suas ovelhas, ia pregando pelos caminhos os bons exemplos e ministrando o ensinamento aos seus diocesanos.

E' ainda o Dr. Ataide quem nos diz, na sua biografia magistral do venerando antistite: «Falava aos seus lavradores e ensinava-lhes as verdades da religião e os melhores processos de arrancar do solo os seus frutos; conversava com as crianças e ensinava-lhes a doutrina, servindo-se das palavras melhor acomodadas á sua intelligencia. A's mulheres dava conselhos concernentes ás suas obrigações de dona de casa, de espôsa e mãe; ás raparigas e aos rapazes fazia sentir que a honra de uma rapariga era a joia de maior valia e que fugissem das reuniões e dos bailes para se não verem expostas á publica maledicencia».

Quizeramos transcrever toda a importante obra do Dr. Ataide. Estamos acostumados, escreve ele, a ouvir falar com o maximo elogio do venerando prelado bracarense Fr. Bartholomeu dos Martires, que na sua sêde episcopal foi o verdadeiro apostolo da caridade evangelica, mas è certo que D. Francisco Gomes foi o pae dos pobres e tambem o mestre dos seus diocesanos.

«Em Frei Bartholomeu dos Martires a religião de Jesus Christo manifestou-se especialmente sob o



**•CABEÇA DE CRIANÇA•**

**: POR : EDUARDO ROMERO :**  
NA COLEÇÃO DE NAAVENA MACHADO

deu o nome de *As Trindades*, se bem que são ambos falhos de desenho, e de composição pobríssima.

Tem alguns quadros bem pintados, e são os menos theatraes, porque o defeito maximo é este. *Casa Rustica* (n.º 6), *Na Aldeia* (n.º 21), *Tarde de Setembro* (n.º 26), *No Caes* (n.º 31), *Efeito de trovoadas* (n.º 39) *A planície de Barbam* (n.º 48) e poucos mais. Esses mesmos tem alguns senões.

Tem José Campas qualidades de paisagista, por certo, mas nada de retratista, e, pelo menos por enquanto, pouquissimo de colorista e nem de desenhador. Em especial «muita parra pouca uva». Já se vê não equivalem a fama e o afamado. E' bem verdade o que diz o rifão «cria fama e deita-te na cama». F. cá, pelo visto, caem todos ante o bezerro de ouro da fama.

\*

Das ultimas exposições, a exposição de Sousa Pinto sobressae pela tensão artistica da obra exposta.

Da França, onde se fez grande pintor, tão notavel quanto podia sê-lo o illustrador da Bretanha, com *L'appel au passeur* (407) em que ha vislumbres de Millet, *Ao cahir da noite* (27), *A cotovia a cantar* (45), *As lavadeiras* (135), desceu a Portugal e fez-se o vibrante paisagista da sua terra.

A paisagem em Portugal tem vindo do Norte para o Sul. Minhoto foi Silva Porto, é-o Arthur Loureiro. Pelas campinas curtas e verdes do Porto, batidas da chuva e do vento, cortadas de azinhagas nas paredes que as fecham, ora sob o sol, ora na densa nevoa que sobe do rio Douro barrento, elles formaram a sua visão de paisagistas.

Sousa Pinto, se o caracter da sua arte o leva para a paisagem, a ponto de o dirigir, em outra applicação, a pintura de genero, paisagem como é de costumes e interiores, a technica da sua *maneira* adapta-se à sua conformação esthetica. Nos quadros de França, como o pedestal em uma estatua, o sustentaculo, a potencia viva da scena é o panorama. As figuras movem-se como elementos d'elle, a par das arvores, das flores, á semelhança de Corot, natural, serenamente, sem discrepancias e sem theatrismo, a lembrar-nos Bastieu-Lepage.

Em Portugal, adaptando-se ao ambiente poetico da nossa terra, elle, com a expressividade perfeita que trouxe para cá, fez maravilhas. Foi, como os paisagistas portuguezes, inspirar-se na provincia do Douro, nesse Francellos á beira-mar, entre a verdura que elle indefenidamente reproduziu.

Nas paisagens da Lombardia, Sala e Carcano, Kowalski nas campinas de Lithuania, sente-se a seiva fresca, palpitante, dos espiritos dos pintores. Dos contemporaneos, Malhõa fez da sua predilecção as planicies de Figueiró, contundente de sol.

No numero dos pintores da luz, que constituem o supremo encanto da arte de hoje, Sousa Pinto embebeu-se do sol, das côres luminosas de Portugal, e veio expôr-nos a serie de quadros a pastel do seu trabalho magistral.

Na paisagem tem a suprema expressão do naturalismo, alcançado em todo o seu poder pela maior e mais sentida simplicidade.

Nos quadros de genero, a oleo, em que attinge o que pode conseguir-se artisticamente no arranjo e no estudo das figuras e objectos, animados a lembrar Teniers e Wouwermann, o que sobretudo mais prende é o pormenor. De pormenor em pormenor, a attenção ascende sempre a novos descobrimentos, num effeito fugaz de contraluz, num colorido esbatido em que a intenção se descobre, num toque de brilho em este vaso ou n'aquella garrafa.

Os quadros, *Molhado até aos ossos* (2) e *La Culotte déchirée* (1), são nesta outra feição esthetica de Sousa Pinto, perfeitos.

Nos retratos, aliás admiraveis de technica, completos de modelação, ha por vezes falhas de pormenor, e em geral uma subida fixação de valores, demarcados differentemente da naturalidade visual, poetica, das paisagens. A sobressaliencia de contornos e modelados é exaggerada pelo desenho.

A collecção de desenhos que expôs não pode sêr comparavel ás bellezas do pastel. Não foi feliz a escolha. E os desenhos melhores, ainda são em geral os mais antigos. Denotam bem quão differente é Sousa Pinto na paisagem. Que, acima de tudo, a sua visão foi educada na paisagem, e o temperamento a ella o impelle.

Fevereiro, 1916

LUIS CHAVES



## BALANÇO LITERARIO

MEZES de chuva, de vento e maus presagios. Nem uma só revelação de genio; nem um só escandalo literario de appetite; nem mesmo um soneto a mais do poeta D. João... A literatura adormece sôbre os loiros colhidos em Dezembro... Os prosadores preparam os manuscritos para as edições do inverno proximo; os poetas afinam as liras anciosos de cantar a primavéra que chêga e rimar, classicamente, *rosa*, com *mariposa*; os sonhadores anunciam trez revistas de arte a aparecer por estes dias.

Em nossa «casa» a falta de espaço atribula-nos. Desde Dezembro que algumas destas «notas de critica» anceiam maré de sairem publicadas. Trez mezes de espera na apreciação dum livro è o Esquecimento Perpetuo, a propria Eternidade. Pois levantemo-nos contra ella.

Já nem mesmo aparece nas montras das livrarias—de velho e esquecido que está para o burguesismo triunfante—o *Elogio da Paisagem* de Pedro de Menezes.

Edição agradavel, guardando catorze sonetos de onde se destacam algumas joias literarias que bem traduzem a alma de puro requinte artistico de quem as sonhou. Arte moderna, arte de difficil intuição,—arte quasi estravagante. Por vezes mimos de ritmo, de ideia e de delicadeza, como a *Canção das Fiandeiras* e ainda a *Romaria dos Echos*; mas sobre estes predominam os que, por uma excessiva sintese, dificultam a sua penetração. Porque não regressará Pedro de Menezes ao cultivo de formas poeticas mais claras, mais unanimemente louvaveis, onde já tem maravilhas da força da *Lenda do Mar*, da *Lenda dos Sinos* ou das *Lareiras*?...

José Rebelo,—um outro novo,—vem a lume com as *Canções do Amor e da Terra*. Menos arrevesado na sua arte, menos confuso na forma porque traduz o que sente,—cultiva uma orientação mais anticuada, mais pura, que menos se compadece com a idiosincrasia por vezes morbida e interseccionista de alguns dos poetas novos. Sonetos como a *Larangeira Morta* e a *Vida e o Sol* impõem o livro á admiração de todos nós,—os criticos. Deve, porém, desprender-se um tanto ou quanto da leitura que parece ter de alguns satanicos e liricos do sécu-

o passado, ainda hoje vivos e sãos, para que os seus futuros poemas venham a perder um leve ressaibo junqueirêsco que aqui e além apresentam.

Dito isto, todos os elogios são merecidos; nenhum atingindo, porém, esse de ser colocado de parte por um poeta Manuel Augusto, num açoreano concurso, de açoreana literatura, em que pontificia um visconde de Jacome—sem duvida aparentado com os da galeria de Camilo. Não se discutiu o valor real das obras; preferiram-se os logares de impressão... Os nossos parabens á tipografia do *Diario dos Açores* por mais este friunfo... industrial; pezames ao Porto.

Um ultimo livro de versos, ainda: *Segredos ás mulhéres*—por Cesar Casqueiro. E' inteligente o titulo. Na verdáde o livro vem cheio de «segredos a mulheres»; «segredos a senhoras»...—poucos, mas,—valha a verdade,—bons. A par de quadras lastimaveis:—

Li: muito gostei, senhora,  
Dos cantos da Sulamite!  
Gostei... mas agora, agora...  
Gosto de si acredite!...

deparam-se-nos outras de real valôr. Por exemplo:—

Mulher: tem ventre infecundo  
Maldigo-o porque maldigo  
As tristes rochas do mundo  
Que não dão agua nem trigo.

Algumas, ainda, se apresentam povoadas de ironias felizes ou de observações criteriosas, mas—é com pena que o confessâmos—a realização material é quasi sempre inferior á ideia apeteçada.

Sonêtos,—um ou outro louvavel, de grande prejudicado pelos seus congêneres mal urdidos. O «Elogio dos jardins» é uma ruim peça poetica; as Crianças salvam, em parte, o final do livro.

E nada mais a propôr, senão que Cesar Casqueiro revelou ao publicar os seus versos toda a precipitação de um espirito moço, que prefere fazer obra volumosa, desequilibrada e imperfeita, a esperar uns anos mais e vir então a lume para apenas receber elogios e saudações.

Na prosa muito de mediocre.

A *Belgica heroica*, por Pedro Muralha—com a qual o seu auctor não teve, certamente, pretensões de realisár obra de tésé, mas sim de simples informação. Por isso preencheu grande parte do livro coligindo relatorios e pequenos estudos em que se encontra a mais pungente epopeia ao martirio da pobre Flandres. Ao mesmo assunto se liga *A visão da guerra*, por D. Laurentina de Jesus. São cem paginas de prósa onde, melhor ou peor, se traduzem as fortes impressões emotivas que a grande conflagração vae gravando numa alma de mulhér. Escritas levemente, apressadamente, quasi que com o ardôr de quem resume notas de viagem, as paginas da *Visão da guerra* podem ser recomendadas sem falso elogio a quantos se interessam pelas produções literarias multiplas que os acontecimentos vão provocando.

E, para fechár o balanço, salvando as intenções amigaveis de quem o firma, citaremos um pequeno livro que é um grande brado d'alma. Referimo-nos ao folheto *O que é a Academia de Sciencias de Lisboa*, (1779-1915), separata do n.º 16 da «Revista de Historia», vol. 4.º, pelo senhor Fidelino de Figueiredo.

Ramalho, Eça, Silva Pinto, Camilo e alguns outros, furaram com a chôpa das suas criticas felicissimas o arcaboço farto e aristocratico das Academias do paiz. Um, no fim da vida, abdicou e deixou-se enfeitar com a medalha de ouro, sonho de muitos; os demais mantiveram-se integerrimos até que a morte os ceifou. Não pertencendo, nem a um nem a outro dos partidos o distintissimo critico literario e nosso presado colaboradôr—que é o senhôr Fidelino de Figueiredo, vem neste seu folheto protestar, cheio de justiça, contra as exacções de que vem sendo vitima a *Academia das Sciencias de Lisboa* justificando o muito que este instituto tem feito e a sua independencia perante todos os regimens politicos.

E nada mais que nos importe. A falta de espaço leva-nos a deixar para o mez que chêga um artigo, já ha muito anunciado, referente a um concurso que aqui ao de léve se discute, e a pôr tambem de quarrentena as poucas palavras de critica a uma tésé da Senhora D. Ana de Castro Osorio.

Esperaremos que o tempo passe, lembrando o tempo que passou: Dezembro... Janeiro... Fevereiro... Mêzes de chuva, de vento, de trovões e maus presagios. Nem uma revelação de genio; nem um só escandalo literario de appetite; nem mesmo um sonêto a mais do poeta D. João...

E o tempo, cae sobre o tempo num findar de dias tristes...

A. BUSTORFF

\*

Recebemos mais, entre outros, os seguintes livros e folhetos, de que iremos falando:—*Canções d'amor*, versos, por José Dias Sancho, Livraria das Novidades, Faro; *A' Sombra*, versos, por José Negrão Buizel, Tipografia Editora José Bastos, Lisboa; *Industrias e Artes Infantis*, por F. Palyart Pinto Ferreira, Casa Pia de Lisboa; «*A Solução Monárquica*» do senhor Alfredo Pimenta, e *Assistencia á Mendicidade*, por Julião Quintinha, Livraria Ventura Abrantes, R. do Alecrim, 82, Lisboa; *A revista dos Sargentos*, Lisboa; *O Jornal Ilustrado*, Lisboa; *A Propaganda*, Setubal; etc.

A. B.



## OS TEATROS

A cronica do mês que passou:—*A peça do sr. Vasco de Mendonça Alves; uma atriz que não tem juizo e que tem talento em barda.*—«*Coimbra, terra de amôres*», flão sentimental.—*Um politico que quere á força ser autor dramatico.*—*Um ator que viaja e a quem acho piada.*

○ SR. Vasco de Mendonça Alves, escritôr dramatico conhecido, viu mais uma vez uma peça sua representada a que deu o nome de «Noite de Santo Antonio». Se bem que o titulo não seja porventura o mais conveniente á peça, por o não o suggerir senão muito escassamente a natureza do assunto debatido, o certo é que o seu novo trabalho não merecia as asperas censuras que certa Critica lhe fez. O trabalho do sr. Mendonça Alves, que

em anteriores produções se afirmára já um dramaturgo de valôr, pôde não ser isento de defeitos: o maior está até, talvez, em nosso entender, no apoucado do proprio entrêcho. Contudo não se pode negar que o seu autor tivesse sabido tirar excelente partido de situações bem combinadas, cujos lances dramaticos revelam um grande conhecimento de teatro. Não lhe falta, pois, tecnica, e os episodios sam traçados habilmente, movendo-se a ação n'uma moldura de encenação curiosa e original, no 2.º ato que é—á semelhança do que o seu autor já fizera nos «*Marialvas*»—um interessante motivo decorativo, um quadro todo de colorido e pitorêscio em que em relevo sobresaem e vivem tipos nòssos, desenhados fielmente, com observação e com finura.

O diálogo é bem trabalhado, o que prova que a peça foi escrita por um verdadeiro homem de letras.

No seu desempenho, que foi magnifico, reapareceu, n'uma personagem moldada ao seu temperamento, a atriz Angela Pinto. Não obstante o seu longo retraimento dos palcos de declamação, ela foi ainda, como outróra, nas suas melhores noites de gloria, a mesma grande atriz que o publico festejou com inteira justiça. Detalhou o seu longo papel com estudo, arte e propriedade. Nada faltou na interpretação dos sentimentos d'aquella mulher perdida d'amor:—entusiasmo, tortura, fogo, paixão!

Convenceu-nos de que o seu talento não envelhecêra, nem havia perdido uma scintilla sequer do seu antigo fulgôr! Quanto folgámos, pois, de a ver ali, de novo, ao lado de Brazão, Ferreira da Silva e Lucinda Simões, a ela, a atriz querida do publico, que na sua estouvada bohemia artistica descêra já a andar por teatros baratos de revista por sessões!

Ali, sim, n'aquello templo da pura Arte, que tem sido sempre o «*Republica*», ao lado dos mestres, é que o seu lugar, de longa data, está marcado. Ali é que a queremos vêr para nos não roubar a alegria de lhe levarmos o calor das nossas palmas e o entusiasmo da nossa admiração.

\*

«*Coimbra, terra d'amores*» foi o primeiro original português estreado na presente época no Nacional. Do successo da peça fala a bilheteira do teatro: do seu valor como obra teatral falou toda a gente que a viu e disse bem. Ha porém sempre criaturas que vêem melhor ou peor que a restante gente. Como a sua otica é aquella de que nos fala Manuel Bernardes,—uma ótica de conveniencia,—vai d'ahi ora são demasiado exigentes, ora benévolos em excesso. Tal succedeu com a peça do sr. Vicente Arnoso.

O melhor, porém, é que de simples e ingenua que a peça era, na sua factura de moldes quasi primitivos, todos se julgaram capazes de a fazer.

N'isto, pelo menos, todos os elogios são para o sr. Vicente Arnoso, que viu assim reeditada a historia do ovo de Colomb e com toda a vantagem para si. Como obra de dramaturgia tinha pouco teatro: não era uma peça, rijidamente considerada, mas uma evocação sómente. Havia n'ela um perfume casto e suave, um calor muito terno, como é proprio das primeiras paixões, com muito bucolismo e muita singeleza. Um fruto espiritual da mocidade: tres deliciosas quadrinhos, como aguarélas, pincelados com tintas leves e coloridos, em que em todos dominava o mesmo motivo de tristeza, vaga e comovedôra, como uma saudade dôce d'um passado distante e que

não volta mais. Quasi toda a gente aplaudiu a peça por que lhe falava ao coração, porque via n'ela, n'aquella pequenina historia d'amôr, um pedaço da sua alma reflectida.

—Quem ha que não tenha consigo, muito oculta no peito, a recordação, assim, d'um amôr primeiro?

\*

O sr. Ramada Curto é, sem contestação possivel, uma criatura excécional. Ele proprio confessa que o tempo lhe chega para tudo. E' parlamentar, advogado, e, como se isto não bastasse, nas horas vagas é tambem autor dramatico,—provando assim que não fazem mal as letras aos doutôres. Se não dizêmos, porém, que ele seja um laureado escritôr, é porque o sr. Ramada Curto não tem sido de todo feliz. Lá mais sorte que muitos tem ele, que consegue ainda ver, pelo menos 4 vezes representadas as suas peças. E' que, como homem de leis, conhece bem o regulamento do teatro normal. . . O peor, porém, está em que d'esta fórma, como o papel está mais caro, o illustre homem de letras não ganha para a despeza, e isto não falando já nos gastos com a luz, que tambem não são para desprezar n'estes tempos que vão correndo, em que até o petroleo subiu de preço. . .

\*

Nascimento Fernandes, que é depois do sr. Dr. Afonso Costa o homem que maior numero de simpatias disfruta em Portugal, fêz como Nosso Senhor:—*resuscitou*. A diferença está apenas em que este novo Cristo, que por tal sinal tem feito milagres de receita ao sr. Galhardo, levou cerca de tres mezes para sair do tumulto. Tinham-n'o dado como homem morto, tuberculoso, neurastênico etc., etc., e não sei se, por causa d'aqueles saltos á homem-macaco, tambem epiletico. Vai d'ahi ele mete-se n'um comboio, compra um bilhete de «*Sleeping-car*» e eillo na Suissa. . . a invernar. Encontrou por lá o elixir da longa vida, n'aqueles ares, n'aquellas montanhas, n'aquello repôiso—e cheio de vida tirou um retrato para dar ao *Munda*, passou por Paris, onde encomendou um filho, e veio ter a criança ali ao Eden, com a assistencia de numeroso publico e amigos de todos os sexos. . .

SACADURA CABRAL

PEÇAS EM SCENA:

**Nacional, *Martires do ideal***, de Augusto de Lacerda. — **Republica, *O Cardeal***, peça ingleza, em 4 actos. — **Ginasio, *O senhor roubado***, comedia de Chagas Roquette. — **Eden, a fantasia *No país do sol***, de Avelino de Sousa e C. Leal, musica de Luz Junior e Del-Negro. — **Trindade, *O dia de juizo***, de Schwalbach, com o quadro novo *Papelaria Social* — **Collseu dos Recreios, *Companhia lirica italiana***.

\*

**Salão Olimpia**, animatografo e concerto, *Matinées* diarias. — **Cinema Condes**, fitas e concerto. — **Chiado Terrasse**, concerto e animatografo. — **Salão da Trindade**, fitas instructivas e concerto, *Matinées* aos domingos. — **Salão Foz**, concerto, animatografo e variedades. — **Chantecler**, fitas faladas.

S. C.